



Procópio de Cesareia e a construção dos retratos imperiais na obra "História das Guerras"

Procopius of Caesarea and the construction of the imperial portraits in the books "History of Wars"

Stephanie Martins de Sousa¹
Universidade Federal de Ouro Preto

Resumo: Procópio de Cesareia (490-562) foi um historiador bizantino que escreveu a coleção de livros intitulada *História das Guerras*, publicada entre 551 e 554. Nessa obra são narradas as guerras de reconquista promovidas pelo imperador Justiniano no século VI, com o objetivo de retomar para o Império o domínio sobre seus antigos territórios nas fronteiras da Europa Ocidental, no norte da África e na Pérsia, que estavam sob o domínio de godos, francos, lombardos e vândalos, e dos persas. Essas campanhas militares trouxeram consequências de ordem política e cultural na medida em que almejavam um império cujas fronteiras agregavam diversos povos e territórios. Tal marca do governo de Justiniano não envolveu apenas uma política de restauração territorial, mas incluiu também, no plano ideológico, determinadas concepções do poder imperial para legitimar sua posição em Bizâncio. Assim, o objetivo deste trabalho é problematizar como Procópio constrói, em sua narrativa das guerras, as imagens das lideranças políticas envolvidas nas lides bélicas, com o intuito de compor exemplos positivos e negativos a serem considerados por Bizâncio.

Palavras-chave: Procópio de Cesareia; História das Guerras; Império Bizantino; Líderes Bárbaros; Justiniano.

Abstract: Procopius of Caesarea (490-562) was a Byzantine historian who wrote a series of books entitled *History of the Wars*, published between 551 and 554. These works narrated the wars of reconquest waged by Justinian in the sixth century with the aim of return to the Empire dominion over their former territories at the borders of Western Europe, North Africa and Persia, who was under the domination (of Goths, Franks, Lombards and Vandals, and Persians). These military campaigns have brought political and cultural order consequences as they sought an empire whose borders aggregated diverse peoples and territories. This mark of Justinian's government not only involves a territorial restoration policy, but also included, ideologically, certain conceptions of imperial power to legitimize his position in Byzantium. The objective of this paper is to discuss how Procopius has built, in his narrative of wars the images of the political leaders involved in warfare, in order to make positive and negative examples to be considered by Byzantium.

Keywords: Procopius; History of the Wars; Byzantine Empire; Barbarians Leaders; Justinian.

I - Contextualização: A vida e a obra de Procópio de Cesareia

Procópio de Cesareia nasceu por volta de 490 d.C. e 507 d.C. em Cesareia (PROCOPIUS. *De Bello Persico*. I, 1,1), na Palestina, famosa cidade helênica conhecida por ser um grande centro intelectual no século IV. Foi nomeado, em 527 d.C., conselheiro de Belisário, comandante militar do Oriente (PROCOPIUS. *De Bello Persico*.

¹ Mestranda em História

I,13,9), durante as campanhas militares promovidas pelo imperador Justiniano (527-565) na Pérsia, norte da África e na Península Itálica, que tinham como objetivo recuperar o domínio político nesses territórios.

Os registros feitos por Procópio são considerados as fontes mais completas sobre o reinado de Justiniano (CAMERON, 1996). Intitulado *História das Guerras* e publicado entre 551 e 554, a obra narra as campanhas militares entre os romanos e os povos “bárbaros”, nos territórios limítrofes do império no século VI. Dividida em oito volumes: dois dedicados a Guerra Persa, outros dois à Guerra Vândala, três a Guerra Gótica e o último livro, que foi adicionado posteriormente, que traz informações tardias sobre as guerras contra os godos, persas e vândalos.

Procópio escreveu mais duas obras sobre o período de Justiniano, o panegírico *Sobre os Edifícios*, publicado em 555-558, onde exalta o imperador e suas obras públicas, portanto, é repleta de elogios a Justiniano e de listas imprecisas dos trabalhos de restauração e construção realizados em Constantinopla e nas regiões mais afastadas da capital do Império. A outra, intitulada postumamente de *História Secreta (Anekdotá)*, foi encontrada em 1623 na biblioteca do Vaticano e, devido à enorme diferença do seu conteúdo e do estilo com as outras obras de Procópio, levantou suspeitas com relação à sua autoria, porém em 1891, Jakob Haury conseguiu comprovar a uniformidade de estilo com as outras obras do historiador (BAPTISTA, 2013, p. 28). Na

História Secreta, Procópio não poupou críticas ao casal imperial descrevendo as suas condutas como imorais e perversas. Além disso, o historiador ataca também as políticas imperiais, Belisário e sua esposa Antonina.

Devido à quantidade de informações que suas obras nos oferecem acerca do governo de Justiniano e pela heterogeneidade de seus trabalhos, Procópio é um dos autores mais abordados pela historiografia. Para Averil Cameron (1996), uma das maiores dificuldades encontradas pelos historiadores que estudam suas obras é pensar uma ligação entre os seus três trabalhos e a sua relação com a sociedade e cultura do século VI:

A primeira prioridade, então, é encontrar uma maneira de contornar esse dilema, para explicar a relação entre as obras, sem recorrer a uma visão evolutiva ou psicológica (pois não sabemos quase nada sobre Procópio, exceto o que pode ser obtido a partir de suas próprias obras). [...]. A *História Secreta* não é tão indisciplinada, o *Das Construções* não é tão insincera e, acima de tudo as *Guerras* não são tão esplendidamente objetivas e racionais como aparecem nos livros modernos. (CAMERON, 1996, p. ix)

Para tentar explicar as diferenças de estilo entre obras de Procópio, alguns autores argumentam que o historiador, que era de uma família abastada de Cesareia e, portanto, de um grupo social que sofreu com as políticas fiscais impostas pelo imperador, estava insatisfeito com o governo. Além disso, Cesareia, que era uma região de grandes tensões religiosas entre os cristãos ortodoxos, samaritanos, judeus e outras minorias, sofreu também com a política religiosa do Imperador

(GREATREX, 2014, p. 78-79). Entre 528/529 e 546, durante a escrita das *Guerras*, ele também se sentiu ameaçado devido às perseguições contra os pagãos, intelectuais heréticos, doutores e advogados em Constantinopla, justamente a classe que o historiador representava (CAMERON, 1996, p. 5).

Dentro da produção historiográfica de Procópio escolhemos a *História das Guerras* como documento central de análises. Buscamos compreender as concepções de poder imperial presentes nesse período como expressas na literatura do historiador. Seguindo uma tradição que remonta à historiografia greco-romana, Procópio serve-se das figuras dos líderes bárbaros para advogar modelos aceitáveis ou recusáveis de conduta frente a seus governos. Logo, tendo em vista que o Império Bizantino lutava contra reinos já estabelecidos e com sistemas políticos, econômicos, religiosos e sociais próprios, trata-se de entender, em suma, como esse projeto de reconquista estava também pautado por concepções do poder político na Bizâncio do século VI.

Por outro lado, essa abordagem igualmente permite que observemos as relações do Império Bizantino com as populações bárbaras que estavam situadas nos antigos territórios do Império Romano, no sentido de que podemos analisar como esses povos eram vistos pelo centro do poder e quais motivos levaram Justiniano a empreender as suas guerras de reconquista nessas regiões.

II- Construção dos retratos: Justiniano e os reis bárbaros

Durante o governo de Justiniano foi realizado um grande empreendimento militar que buscou reconquistar os antigos territórios do império perdidos, ao longo dos séculos III e V, para os povos ditos “bárbaros” (godos, vândalos, francos, lombardos), nas fronteiras da Europa Ocidental, do norte da África e dos persas no Oriente (BOY, 2013, p. 174). Além dos empreendimentos político-militares, seu reinado ficou conhecido pelas obras arquitetônicas de restauração e fortificação, como a construção da Igreja de Santa Sofia, que é considerada um dos maiores símbolos do império bizantino, e pela grande reforma legislativa nas leis romanas.

A obra *História das Guerras* traz os registros feitos por Procópio durante a Reconquista como conselheiro do general Belisário. É uma escrita da História de tipo secular, onde o autor utilizou como modelo os trabalhos de Heródoto e Tucídides, ambos do século V a.C.. Segundo Lyvia de Vasconcelos e Renato Viana Boy, o historiador buscou legitimar a sua narrativa fazendo uma descrição verdadeira e confiável dos fatos por ele testemunhados, para isso o Procópio seguiu o mesmo modelo dos clássicos antigos: “um relato verdadeiro estaria ligado a uma descrição comprometida com o rigor em relação ao que foi testemunhado ou conhecido pelo historiador” (BAPTISTA; BOY, 2015, p. 126).

Procópio acreditava que era habilitado para descrever esses eventos, pois ao ser nomeado conselheiro de Belisário e

acompanhar o general nas batalhas, foi testemunha ocular dos acontecimentos que ele descreveu. Segundo o autor:

Além disso, ele não tinha dúvidas de que era especialmente competente para escrever a história daqueles eventos, se não por outra razão, porque lhe coube, quando foi apontado como conselheiro do general Belisário, estar próximo de praticamente todos os eventos a serem descritos. (PROCOPIUS. *De Bello Persico*. I, 1. 3)

Entretanto, o historiador não acompanhou todos os fatos que descreveu na *Guerra Gótica*, por isso, alguns trabalhos sobre o autor mostram que há algumas variações na forma de como ele abordou as campanhas na Itália em comparação com as outras expedições na Pérsia e no Norte da África. Segundo Averil Cameron (1996, p. 7), há uma mudança de entusiasmo do historiador ao longo de sua narrativa, que possuía um excitamento jovial nos primeiros anos da reconquista para um estado de desapontamento com os rumos das guerras, com Belisário e Justiniano. Por isso os últimos livros são menos detalhados e trazem menos informações comparados com os das campanhas contra os vândalos e persas.

A Pérsia foi um dos maiores desafios do reinado de Justiniano e de seus sucessores; desde o século III, os dois impérios entravam em constantes conflitos (CAMERON, 1996, p. 109). As guerras contra o Império Sassânida mostraram as dificuldades enfrentadas por Bizâncio em manter uma campanha militar que necessitava de muitos recursos para assegurar a paz e resistir aos ataques inimigos. A *Guerra Persa* narra os confrontos

entre os romanos e os persas entre os anos 502 e 549, o relato conta também com as estratégias de guerras, discursos dos generais, de Justiniano e de Chosroes I, além dos confrontos que os dois impérios se envolveram durante os períodos de paz com outros povos, a Revolta de Nika e a peste que atingiu Constantinopla em 541.

Segundo Anthony Kaldellis (2010, p. 157), a *Guerra Persa* narra a história dos desastres, derrotas e das falhas de Justiniano como Imperador. Para o autor, Procópio era simpático à política imperialista, mas era contra a maneira que foi empreendida a reconquista. Há uma forte tendência nos novos trabalhos produzidos sobre o período de considerar o governo de Justiniano como extremamente opressivo, podendo ser comparado à União Soviética de Stalin². Essa analogia foi proposta inicialmente por Tony Honoré (1997) e foi retomada por Peter Bell e Anthony Kaldellis, que descreve o governo como "o mais intolerante e mortal da história" (KALDELLIS, 2010, p. 258).

Quando Procópio narra o saque de Antioquia, podemos ver a facilidade com a qual Chosroes I conseguiu saquear a cidade através de seu discurso aos embaixadores:

[...] E esta cidade, que é de fato uma das mais importantes do Império Romano, pude conquistá-la com o mínimo de esforço, uma vez que Deus nos providenciou essa vitória como você pode ver. Porém, ao ver uma matança tão grande de homens e este triunfo banhado em tanto sangue, não senti nenhuma sensação de alegria com o meu feito. Mas os infelizes antioquenos foram responsáveis por isso, pois quando os

² Cf.: KALDELLIS, A. (2004); HONORÉ, T. (1997); BELL, P. (2013).

persas invadiram as muralhas eles não conseguiram impedi-los e em seguida, quando já haviam triunfado e capturado a cidade no primeiro grito de guerra, estes homens decidiram lutar ombro a ombro contra eles, buscando a morte com insensata temeridade. (PROCOPIUS. *De Bello Persico*. II. 9. 3-6)

Ainda no mesmo livro, Procópio descreve Chosroes de maneira bastante negativa, sempre caracterizando o rei persa pelo caráter duvidoso³ e pela inveja⁴ que tinha de Justiniano, assim como todo o povo persa, que é retratado pela crueldade e pela hostilidade⁵ contra os romanos:

Com uma singular natureza Chosroes se tornou rei dos persas (devido a sua má sorte, havia cegado Zames, que era quem deveria ocupar o trono, depois de Caoses, mas este, Cabades odiava sem nenhuma razão), e sem dificuldade ele conquistou aqueles que se revoltaram contra ele, e com muita facilidade causou graves danos aos romanos. (PROCOPIUS. *De Bello Persico*. II. 9.12-14)

As guerras promovidas pelo imperador, assim como todas as suas ações políticas e administrativas, foram contraditórias. Justiniano é descrito frequentemente como patrono das letras e como incentivador do renascimento do classicismo. Ao mesmo tempo em que foi um

³ PROCOPIUS. *De Bello Persico*. II. 11.26. “Ele pensava que escravizar as cidades era uma grande glória para si mesmo, nunca considerava os tratados e pactos e ele dirigia tais ações contra os romanos”.

⁴ PROCOPIUS. *De Bello Persico*. II.2.12. “Pois, como ele era movido pela inveja do imperador Justiniano, ele se recusou completamente a considerar que as palavras foram ditas a ele por homens que eram amargos inimigos de Justiniano”.

⁵ PROCOPIUS. *De Bello Persico*. II.28.15. “Mas ficou claro que Chosroes, o rei persa, tinha feito a trégua com os romanos com traiçoeiras intenções, a fim de que pudesse encontrá-los despreocupados por conta da paz e infringir graves danos a eles”.

ávido teólogo, que escreveu seus próprios tratados teológicos e que criou leis extremamente severas contra os pagãos e fechou a Academia de Atenas, que havia sido fundada por Platão no século IV a.C. Para Averil Cameron (1996, p. 106-108), em certo sentido, seu reinado foi um esplêndido anacronismo, pois reafirmou o poder militar romano e as tradições imperiais antes do final da antiguidade clássica, em outro sentido, precipitou a sua queda.

Da mesma forma, Procópio construiu um retrato ambíguo de Justiniano, como podemos perceber quando comparamos as declarações feitas na *História das Guerras* e na *História secreta*. Na *História das Guerras* notamos algumas críticas a Justiniano e a suas ações, assim como a Belisário e aos outros generais. A maioria aparece no último livro, quando o historiador já estava em Constantinopla, mas esses questionamentos aparecem de forma sutil e indireta, e na maioria das vezes, nas falas e ações de outros personagens, cujas opiniões em relação ao governo imperial poderiam ter sido compartilhadas pelo historiador (CAMERON, 1996, p. 136).

Inicialmente Justiniano e Belisário são caracterizados positivamente em contraste com os reis bárbaros e seus generais. Na citação abaixo, Procópio elogia o imperador o comparando com Alexandre “O Grande” e Ciro “o rei da Pérsia”, além dele parecer ser favorável à reconquista, mas com o desenrolar dos combates e os resultados das guerras, ele deixa de apoiar o projeto da reconquista. Justiniano aparece sempre

tentando manter a paz⁶, ao contrário de Chosroes I⁷, que buscava quebrar os tratados de paz.

Porém as acusações que apresentavam contra Justiniano poderiam ser consideradas verdadeiros elogios para qualquer imperador, ou seja, que ele estava se esforçando para fazer seu reino maior e muito mais esplêndido. Essas acusações poderiam ser feitas também contra Ciro, o rei da Pérsia, e Alexandre, o Macedônio. Mas a justiça não é acostumada a morar junto com a inveja. Por estas razões, então, Chosroes estava tentando romper o tratado (PROCOPIUS. *De Bello Persico*. II.2.14-15).

Belisário é descrito como um grande herói nas guerras, principalmente nas campanhas contra os persas e os vândalos. Entre 533 e 550, a reconquista se estendeu para o norte da África, que estava sendo governada pelos vândalos. Procópio narra os

⁶ PROCOPIUS. *De Bello Persico*. II. 4. 22-26: “Mas mesmo as coisas sendo como eram, nós decidimos manter a paz, mas nós ouvimos que você, quer declarar guerra contra os romanos, e inventa acusações que não pertencem a gente. É natural, que aqueles que tentam preservar a ordem atual das coisas, desprezem as acusações contra os amigos, enquanto, para aqueles que não estão satisfeitos com a amizade estabelecida, se dedicam a buscar desculpas irreais. Mas isso não é aceitável para homens comuns, muito menos para reis. Mas, deixando isso de lado, considerando a quantidade de vidas que serão perdidas de ambos os lados e quem poderá ser acusado do que irá acontecer e ao pensar nos juramentos que fizera e o dinheiro que você levou, e mesmo depois disso, menosprezou esse acordo valendo-se de truques e artimanhas. O Céu é muito poderoso para ser enganado por qualquer um”.

⁷ PROCOPIUS. *De Bello Persico*. II. 1. 1-4: “Não muito tempo depois, Chosroes, ao saber que Belisário estava conquistando a Itália para o Imperador Justiniano, não foi capaz de esconder as suas intenções, e começou a pensar em pretextos para romper o tratado ter sem nenhum motivo para a guerra. E conversou com Alamoundaras e o mandou procurar motivos para a guerra. E, então, acusou Arethas de ter violado as fronteiras de seu território e entrar em conflito com ele durante o período de paz, com esse pretexto começou a invadir as terras romanas”.

acontecimentos destas guerras nos livros III e IV que também trazem os combates contra os mouros. O general bizantino conseguiu reconquistar esse território em um curto espaço de tempo e em 534 ele celebrou o triunfo em Constantinopla levando como prisioneiro Gelimer, o rei dos vândalos:

Belisário, ao chegar Bizâncio com Gelimer e os vândalos, foi considerado digno de receber tais honras, como nos tempos antigos foram atribuídas a esses generais romanos que haviam conquistado as maiores e mais notáveis vitórias. E um período de cerca de 600 anos tinham se passado, e desde então, ninguém tinha alcançado estas honras, exceto, talvez, Tito e Trajano, e tais outros imperadores que tinham levado os exércitos contra alguma nação bárbara e tinham sido vitoriosos (PROCOPIUS. *De Bello Vandalico*. IV. 9.1).

No entanto, apesar das grandes vitórias conquistadas por Belisário e o fim da guerra na África, percebemos que as descrições do imperador e do general, assim como os relatos dos fatos que ocorreram nos embates, vão se tornando cada vez menos otimistas. Em uma leitura mais atenta aos primeiros livros da obra já é perceptível algumas críticas contra as ações imperiais e aos rumos da reconquista que vão se tornando cada vez mais frequentes nos livros referentes a guerra gótica e no oitavo livro, que traz os eventos tardios na Itália, norte da África e da Pérsia.

No segundo livro da obra podemos ver uma crítica de Belisário a Justiniano em um de seus discursos onde o general fala que o imperador está sempre ausente e por isso não pode decidir os melhores rumos dos combates: "ele é totalmente ignorante sobre o que está sendo feito, portanto, incapaz de adaptar seus movimentos para os momentos

oportunos” (PROCOPIUS. *De Bello Persico*. II. 16.10). Procópio também deixa claro sua insatisfação com o perfeito pretoriano João da Capadócia e o jurista e questor Triboniano. Segundo o autor:

Mas se tornou o homem mais perverso de todos os homens, nem consideração por Deus, nem qualquer vergonha entrou em sua mente, mas destruir as vidas de muitos homens por ganância e destruir cidades inteiras era sua constante preocupação. Então, dentro de um curto espaço de tempo, adquiriu vastas somas de dinheiro, e ele atirou-se completamente na vida sórdida de bêbado; até a hora do almoço todos os dias ele pilhava a propriedade de seus súditos, e no resto do dia ocupava-se com a bebida e com atos de luxúria. E ele era totalmente incapaz de controlar a si mesmo, ele comia exageradamente até vomitar, e ele estava sempre pronto para roubar dinheiro e mais pronto para gastar. Esse era João, Triboniano, por outro lado, possuía a habilidade natural e seu nível educacional não era inferior a nenhum dos seus contemporâneos; mas ele era extraordinariamente apaixonado pela busca de dinheiro e sempre pronto para vender justiça para ganho próprio; portanto, todos os dias, como regra, ele revogava algumas leis e propunha outras, modificando conforme os seus interesses. (PROCOPIUS. *De Bello Persico*. I.24.13-17)

João da Capadócia e Triboniano eram muito próximos ao imperador e aparecem diversas vezes no relato de Procópio, principalmente na *Guerra Persa* durante a descrição da Revolta de Nika. O historiador critica explicitamente a conduta moral dos dois e principalmente Justiniano, que mesmo sabendo das falhas deles e que eles não estavam exercendo devidamente as funções que foram designados, não sofriam as punições devidas:

Triboniano e João foram, assim, privados de seus cargos, mas depois ambos foram resignados para as mesmas posições. E Triboniano viveu exercendo o cargo por

muitos anos e morreu de doença, não sofrendo nenhum mal(...). Mas João era opressivo e severo com todos os homens, infligindo golpes sobre aqueles a quem ele conheceu e saqueando sem respeito nenhum todo o seu dinheiro (PROCOPIUS. *De Bello Persico*. I. 25. 1-4).

Em outro exemplo vemos que Procópio acusa Justiniano de ter inveja de Belisário, que após voltar da Itália com as riquezas de Teodorico, rei dos godos, o imperador se recusou a prestar as honras devidas ao general por esses feitos:

Mas, ao receber a riqueza de Teodorico, uma notável visão em si mesma, ele se limitou a apresentá-la para os membros do Senado no palácio, estando com inveja por causa da magnitude e esplendor da conquista; e nem trouxe para fora diante do povo, nem ele concedeu a Belisário o triunfo habitual, como tinha feito quando ele retornou de sua vitória sobre Gelimer e os Vândalos (PROCOPIUS. *De Bello Gothico*. VII. 1. 3).

III- Conclusão

Procópio de Cesareia é um dos autores mais abordados pela historiografia devido à quantidade de informações que suas obras nos oferecem sobre o período e pela heterogeneidade de seus trabalhos, que são bastante diferentes e que nos trouxeram várias perspectivas sobre o mesmo imperador e suas políticas. Podemos perceber claramente, na *História das Guerras*, uma mudança de entusiasmo do autor, devido ao seu deslocamento dos combates e pelas decepções com os rumos das guerras e com o governo de Justiniano (CAMERON, 1996, p. 7).

Nesse estudo pretendemos demonstrar como Procópio construiu as

imagens das lideranças bárbaras em contraste com Justiniano e seus generais. Concluímos que inicialmente o autor parecia ser a favor da reconquista, mas devido aos resultados dos embates, as políticas fiscais, religiosas e econômicas do imperador afetaram a forma que o historiador viu esses empreendimentos militares. Do mesmo modo, notamos que a imagem de Justiniano também se modifica na narrativa, pois nos livros referentes às guerras contra a Pérsia ele é descrito de uma maneira bastante favorável e já nos últimos livros temos cada vez mais críticas, o mesmo acontece para o general Belisário.

Os líderes bárbaros são sempre descritos negativamente, sendo associados à crueldade, má administração e por não compartilharem da mesma religião oficial do império. Somente quando esses reis possuem uma amizade com Justiniano e tentam manter boas relações com Bizâncio que aparecem de maneira positiva.

Referências bibliográficas

Fontes:

PROCOPIUS. (2006). De Bello Gothico (Υπερ των πολεμων). *History of the Wars. The Gothic War*. English translation by H. B. Dewing. London, Harvard University Press.

PROCOPIUS. (2006). De Bello Vandalico (Υπερ των πολεμων). *History of the Wars. The Vandalic War*. English translation by H. B. Dewing. London, Harvard University Press.

PROCOPIUS. (2006). De Bello Persico (Υπερ των πολεμων). *History of the Wars. The Gothic War*. English translation by H. B. Dewing. London, Harvard University Press.

Bibliografia secundária:

BAPTISTA, L. de V. (2013). *O logos da Guerra Pérsica: Uma análise da perspectiva histórica da obra de Procópio de Cesareia (VI D.C)*. Tese de doutorado, UFRGS, Porto Alegre.

BOY, R. V. (2013). *Procópio de Cesareia e as disputas entre romanos e bárbaros na Guerra Gótica: da “Queda de Roma” ao período de Justiniano*. Tese de doutorado, USP, São Paulo.

BOY, R. V.; BAPTISTA, L. V. (2015). *A construção de uma narrativa: os olhares de Procópio de Cesareia sobre as guerras de Justiniano*. Revista Teoria da História, Ano 7, Número 13, p. 136-143.

CAMERON, A. (1996). *Procopius and the Sixth Century*. Londres, Duckworth.

_____. (1996). *The Mediterranean World in Late Antiquity*. Londres e Nova York, Routledge.

EVANS, J. A. S. (1996). *The age of Justinian. The circumstances of the imperial Power*. New York, Routledge.

GREATREX, G. *Perceptions of Procopius in Recent Scholarship*. Histos 8, 2014, p. 77-121.

KALDELLIS, A. (2004). *Procopius of Caesarea: Tyranny, History, and Philosophy at the End of Antiquity*. Philadelphia, University of Pennsylvania Press.

_____. *Procopius' Persian War: a thematic and literary analysis*. In: MACRIDES, R. (ed.). *History as literature in Byzantium: papers from the Fortieth Springs Symposium of Byzantine Studies, University of Birmingham, April 2007*. Aurrey: Ashgate, 2010. p. 253-273.